



O CAOS COMO ESTÍMULO CRIADOR: REFLEXÕES SOBRE O CORPO

Palavras-Chave: CORPO, FILOSOFIA DO CAOS, IMPULSO

Autores/as:

VÍCTOR GABRIEL LUCAS [UNICAMP]

Prof. Ms. SANDRO BORELLI (coautor) [UNICAMP]

Prof. Dr. ODILON JOSÉ ROBLE (orientador) [UNICAMP]

1. INTRODUÇÃO

O filme “O Poço”, do espanhol Galder Gaztelu-Urrutia, traz uma visão caótica e miserável da existência humana. Na base dessa miséria está o corpo, a carne, com suas necessidades vitais e com o terrível que habita na atividade predadora da razão humana. Na verdade, o Poço se resume a uma prisão, constituída de vários níveis, sendo que, em cada um destes níveis, encontram-se dois indivíduos. No centro de cada cela, há um buraco retangular, onde passa uma plataforma flutuante, que levará um banquete aos presos. A plataforma parte do nível mais elevado deste cárcere, o nível 0, onde há uma espécie de restaurante extremamente organizado e exigente.

Sendo assim, podemos notar, de antemão, que à medida que a plataforma desce de um nível para o outro, os alimentos começam a ser consumidos pelos detentos. Logo, os níveis inferiores passam a sentir o peso da escassez alimentar e começam a se comportar além de uma forma civilizada, liberando uma face grotesca, egoísta e impetuosa do comportamento humano. Isso nos empolga a pensar o agir corporal de acordo com os saberes que se situam no campo das energias primordiais e dos impulsos.

Por isso, para analisarmos o filme, utilizaremos a psicanálise freudiana e as filosofias de Nietzsche e Schopenhauer, elementos que constituem, além da mitologia grega, o que poderíamos denominar *Filosofia do Caos*. Além disso, respaldamos na pesquisa *Corpo: protagonista eterno das dores do mundo*, do artista e pesquisador do corpo Sandro Borelli. Este autor, a partir da leitura de 3 mitos gregos, situa o corpo como o receptor de todas as angústias mundanas e a revolta como matéria de esperança. Analogamente a esta forma de conjecturar a respeito da matéria humana, a presente pesquisa tem o objetivo de descobrir, através de uma análise ativa e metodológica da obra cinematográfica, **o papel do corpo** frente aos estímulos propostos pelo sistema do ‘Poço’, assimilando este papel às possíveis manifestações corporais que se encontram na vida cotidiana.

Nossas hipóteses de partida são que a própria estrutura exposta pelo filme, ou seja, o *Poço* ou *Centro Vertical de Autogestão*, pode ser lido como uma vida cotidiana no sentido de seus laços humanos instáveis, contratos sociais, restrições, impulsos, sintomas, hierarquias, virtudes e demônios. Já a aleatoriedade do destino dos enclausurados, hora residentes em níveis abastados, hora enfrentando níveis mortais de miséria, mimetiza uma parcela incontestável de realidade que é imposta aos reclusos, parcela que, porventura, limita as suas capacidades de realização de seus desejos carnis.

Esta finita propensão do sujeito se acomodar prazerosamente à realidade externa, quiçá alimenta um caos interno, que, em teoria, se mantém durante toda a vida através de uma ferida narcísica. Este caos parece sintetizar uma incongruência entre o meio externo e a realidade psíquica do indivíduo, composta de necessidades e moções pulsionais.

E, ao que tudo indica, isso sustenta uma luta inconsciente entre dois impulsos fundamentais do comportamento humano, observados e pontuados por Freud ao longo de suas experiências clínicas: a pulsão de vida e a pulsão de morte. Mas quem apresenta tal dinâmica conflituosa, ambivalente e vertiginosa dos sentimentos humanos? Teoricamente, o corpo e a sua motilidade, o que denotaria certa ligação entre a psique humana e a carne, mediada pelas pulsões.

Intuímos isso porque mesmo diante de tantos obstáculos e sofrimentos, averiguamos que ainda há algumas personagens que possuem uma inclinação para se afirmarem perante o meio penoso em que se encontram, em um modo único e rico de expressar sua potência vital e, por que não, sua teimosia constitucional, posto que os seres humanos já sabem de seu final trágico.

Estas personagens parecem ser influenciadas pelos anseios de Eros¹, uma moção inconsciente que diz respeito à toda atividade humana que se relacione com o amor, com a sexualidade que perpassa a vida e, por fim, com a própria manutenção da espécie humana, incluindo a tentativa de prolongamento da vida através da autoconservação do corpo, a união afetiva entre as pessoas (o que vemos nas alianças estabelecidas dentro do Poço) e o acúmulo de novas tensões psíquicas, isto é, de novas demandas pulsionais, de novas necessidades, de novos desejos. Por conseguinte, a pulsão de vida se assemelha à uma espécie de chama, que, apesar de queimar o corpo internamente, e, em consequência disso, degenerá-lo pouco a pouco, é a mesma que o cativa para a existência por meio dos desejos, expandindo os rodeios orgânicos para a morte.

No entanto, nem todas as personagens inclinam-se para sua conservação vital ou para a valorização da sua vida ou da vida de seus semelhantes. Algumas delas deixam se levar pela morte, como se uma espécie de força mortífera as tomasse conta, forças estas as quais, teoricamente, se relacionam com uma instância psíquica, responsável pela autocritica e pela consciência moral. O trabalho em conjunto destes impulsos de morte com esta instância psíquica² resulta num julgamento árduo do sujeito em relação a si mesmo, fazendo com que sua própria psique o tome como um objeto qualquer, a ponto de incentivar o seu próprio suicídio.

Outras direcionam essa mesma energia mortífera para fora de si mesmas, em um ato de assassinato, agressão, subjugação e humilhação de uma outra pessoa, ou até mesmo em momentos que elas precisam de uma proteção ativa contra os estímulos externos ameaçadores. Percebemos que isso pode ocorrer simplesmente a partir de uma fusão pulsional entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, denotando um ato sádico³; após a sublimação de uma pulsão, onde a libido objetal, por motivos diversos, tem que abandonar a sua meta e se transformar em uma libido narcísica (a qual será alocada no Eu e, por consequência, deixará de neutralizar ou amansar às pulsões de morte que antes se ligavam a ela), deixando os impulsos agressivos livres para realizarem seus efeitos contra o outro; ou até mesmo em uma transfiguração de uma pulsão em seu oposto, isto é, do amor em ódio⁴.

Estes fenômenos, tão presentes no filme, talvez desvendam a ambição do corpo por um gozo narcísico, ou seja, por uma elevação do Eu perante o outro. Esta cobiça, quem sabe, envolve fantasias que, presumivelmente, fazem o sujeito acreditar que ele tem o domínio sobre tudo e todos, ou até mesmo que ele seria superior aos seus semelhantes, detentor de alguma característica especial. Contudo, verificamos que, curiosamente, a maioria das exibições da pulsão de morte estão

¹ Também chamado por Freud de pulsões eróticas ou pulsão de vida.

² O que Freud chama de Supereu (Superego) em sua segunda tópica do aparelho psíquico.

³ Isto é, o prazer na dor e na que inferioridade que um indivíduo submete ao outro;

⁴ Como ocorre no caso de Goreng em relação à Trimagasi.

interligadas aos momentos que envolvem o medo, a rígida repressão pulsional ou o desamparo existencial, conseqüente de uma solidão que remete à condição frágil da carne humana.

Em um compêndio, esses sujeitos revelam um provável ódio inato aos seres humanos, que supostamente quer dissolver todos os laços que formam os grupos humanos e até mesmo os meios complexos que os seres orgânicos obtiveram, a partir dos estímulos externos e da perlaboração da vida, a elasticidade do fim da existência humana, a fim de que cada pessoa possa garantir o seu caminho individual para o falecimento, afastando “(...) quaisquer possibilidades de retorno ao inorgânico que não sejam as imanes. “(FREUD, 2020 [1920], p.139)

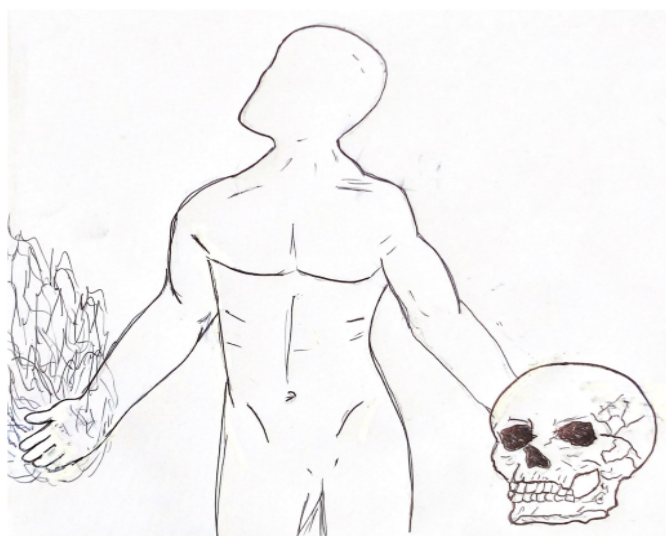


Figura 1- O corpo e as pulsões fundamentais. Víctor Gabriel Lucas.

Todavia, ao explorarmos os eventos que ocorrem no Poço, reparamos que ambos impulsos elementares do agir carnal não se empreendem de maneira isolada. Por conjectura, eles estão sempre imbricados em diversas conformações, um influenciando ou neutralizando o outro. Portanto, apesar dessas pulsões possivelmente estarem em constante conflito pelo domínio da subjetividade humana, uma serve de condição para a existência da outra; e, assim como menciona o psicanalista austríaco, “(...) a partir da ação conjunta e mutuamente contraposta de ambas, foi possível explicar os fenômenos da vida.” (FREUD, 2020 [1930], p. 371) E não seria diferente para a atual pesquisa.

Ao propor esses nexos e simbologias, pensamos poder sofisticar o leque de entendimento sobre o corpo, suas necessidades e sua realidade psicossomática, temas que são importantes em uma formação plural em Educação Física, evitando-se assumir o corpo como mero instrumento de atividades físicas mecânicas.

2. METODOLOGIA:

A pesquisa respaldou-se na metodologia filosófico-conceitual, a qual permite pensar, interpretar e problematizar questões contemporâneas utilizando ferramentas conceituais filosóficas previamente formadas. Esta metodologia propicia repensar, redimensionar e até mesmo recriar conceitos já discutidos por outros autores. Isso parece ampliar o leque do saber humano, favorecendo as trocas socioculturais. Além do mais, permite a divulgação de outras formas de ver a realidade de estar no mundo através de um corpo tão necessitado e desamparado como aparentemente é o do ser humano. Para isso, notamos ser importante a citação de André Martins(2004), o qual propõe:

Uma metodologia, portanto, filosófico-conceitual, consiste na criação e/ou utilização de conceitos que nos permitam propor modos de ver o mundo, ou um problema específico, que

o vitalize, de uma maneira outra que a habitual, por mais que essa um dia possa ter sido questionadora ou inovadora, cuja cristalização fora denunciada pela genealogia (MARTINS, 2004, p.9)

Entendemos que este método consiste em expor inúmeras camadas simbólicas que um determinado assunto pode evocar. Além disso, ele ajuda a reconstruir maneiras de enxergar a realidade material que sentimos através de nosso corpo. Sendo assim, cogitamos entender o papel do corpo no filme “*O Poço*”, a fim de que possamos propor novos caminhos para a valorização dessa matéria humana cheia de mistérios, colocando-a não apenas como um mero instrumento de atividades mecânicas, mas como um organismo vivo que independe totalmente da racionalidade para pensar, sentir e querer.

Para tal feito, utilizamos um recorte específico: a “*Filosofia do Impulso*”. Tal como descrito por Roble (2020) no prelo:

O termo “Impulso” aponta para um ímpeto ou movimento sensivelmente percebido como não racional ou, ao menos, como impetuoso. De imediato, isso nos aparta de uma tradição racionalista do pensamento, preferindo investir na ordem do instintivo, do espontâneo, do irracional, do volitivo, do caótico, do inconsciente ou do desejo.

Tais saberes se situam na filosofia de Nietzsche e Schopenhauer, a psicanálise de Freud e as narrativas da mitologia grega, terrenos em que, apesar de explorarem a constituição finita, insatisfeita e miserável do corpo, mesmo assim, faz-nos amá-la e potencializá-la tal como ela mereceria: através de sua espontaneidade, de seu simbolismo e de suas criações vitais a partir dessa mesma realidade digna de compadecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Obtivemos como resultado que a finalidade de toda a meta pulsional e, quem sabe, de toda a vida, seja a própria morte. Supomos tal argumento pois notamos que as pulsões, as representantes das excitações provenientes das fontes orgânicas, almejam a sua própria suspensão, isto é, o fim da excitação gerada pela fonte orgânica. Dito de outro modo, clamam por sua satisfação.

Ao que nos apresenta, as pulsões, como um todo, aspiram pelo retorno a um suposto estado de quietude, onde as excitações orgânicas são poucas ou nulas e os estímulos externos não perturbam para a mudança. O que, em tese, se dá mediante a morte de si mesmas e do próprio organismo. A morte das pulsões, isto é, a sua satisfação, poderia aguçar motivos imanentes para a morte orgânica, visto que elas, as pulsões, são as molas propulsoras do corpo. Se não houver tensão psíquica e, portanto, estímulo pulsional, não haverá *a necessidade de movimento corporal* rumo ao objeto.

Os gestos desesperados e egoístas dos integrantes do Poço parecem revelar repetidamente as influências do impulso de morte com uma claridade impressionante. Eles deixam claro que um ser humano pode deixar de lado todos os seus valores para dar vazão aos demônios de seu comportamento, com o intuito de alcançar, a todo custo, as suas metas pulsionais. Visto que elas estão constantemente se acumulando, quanto maior a quantidade de satisfação o sujeito obtiver, mais ele desejará receber.

Sendo assim, não seria a vida uma excitação constante exercida pelas pulsões, as quais delimitam os desejos e estes, em grande parte, são dificilmente conciliáveis com o mundo externo (e, portanto, reprimidos, recalçados ou inibidos em sua meta)? É o que, provavelmente, encontramos nas expressões das personagens do filme “o Poço”.

Principalmente quando analisamos os indivíduos em um nível cada vez mais inferior da estrutura, onde as necessidades físicas acumuladas dão vazão a uma insuportável ambivalência humana: de um lado, a pulsão de morte querendo acabar logo com o sofrimento existencial, direcionando o ser humano à morte através da sublimação pulsional; de outro, a pulsão de vida,

tentando retardar a mesma morte orgânica, procurando criar novas tensões e, conseqüentemente, um caminho único e subjetivo para a o fim trágico do indivíduo.

Supostamente, essa dinâmica neutraliza parcialmente as ações da pulsão de morte sobre o próprio sujeito, impedindo um masoquismo originário da raça humana. E, em conseqüência disso, prolonga a vida do mesmo, instaurando um “eterno retorno do mesmo”, assim como foi explorado pelo filósofo Friedrich Nietzsche. Este “eterno retorno” pode ser entendido como uma repetição constante das mesmas vivências, só que com novas roupagens, novas criações a partir do caos estabelecido pela realidade externa. Isso denota um acúmulo de pulsões do passado, que, ainda ativas na mente, promovem uma pressão irrefreável no corpo humano, para que elas possam avançar contra o contratempus que contrariam a sua satisfação.

Portanto, é provável que os desejos recalcados estão prontos para exercerem sua influência sobre a morte orgânica, ou seja, estão prontos para serem satisfeitos e, portanto, extintos. Desta maneira, eles, os impulsos como um todo, estariam preparados para estabelecerem um *motivo imanente* para o retorno da matéria miserável humana ao inorgânico. Este motivo pode ser a dissolução da própria chama da vida: as pulsões.

3. CONCLUSÕES:

Visto que o filme “o Poço” demonstra a mortalidade humana em suas cores mais vivas, concluímos que nada disso seria possível se a própria carne não fosse limitada e, conseqüentemente, necessitada. E, hipoteticamente, essa limitação coincide com os penosos sofrimentos presentes em vida, os quais simbolizam as pulsões não satisfeitas, ou melhor dizendo, as metas não concretizadas.

Em teoria, se não houvesse uma incongruência entre os desejos dos prisioneiros e as condições ambientais para poder aplicá-los, talvez o conflito entre a pulsão de vida e pulsão de morte não existiria. Além do mais, não haveria a necessidade do sujeito inscrever a desarmonia entre sua realidade psíquica e a realidade material na linguagem, o que, eventualmente, possibilitaria que ele expressasse melhor para si mesmo o caminhos de suas exigências psicossomáticas; ou até mesmo ressignificá-los.

Portanto, o papel do corpo no filme “O Poço” seria apresentar-se como um palco simbólico, que descortina uma tragédia interna: a inconciliação absoluta da carne, as suas necessidades e seus desejos com a realidade externa, pronta para impedir o fluxo contínuo das vontades humanas. O caos como estímulo criador. Pois, assim como menciona o filósofo alemão: “Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante” (NIETZSCHE, , 2018 [1883] p.16).

4. BIBLIOGRAFIA

- FREUD, S. **Além do Princípio de Prazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
FREUD, S. **As Pulsões e seus Destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
FREUD, S. **O Mal-estar na Cultura**. Belo Horizonte: Autêntica,
NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
SCHOPENHAUER, A. **Dores do Mundo**. São Paulo: Edipro, 2014.
ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.